

Sempre atento à reacção do tecido social relativamente às preocupações político-sociais de actualidade, numa das crónicas mais tarde publicadas sob o título *Ecos de Paris*, Eça transcreve o ponto de vista de uma senhora, expresso "num salão", no que diz respeito às questões coloniais (neste caso específico tratava-se da intervenção da França no Sião), senhora esta que considerava "a coisa mais pueril e mais grotesca que duas nações tão elegantes, como a França e a Inglaterra, se batessem por causa de *bichos tão feios como os siameses*"; esta opinião é, segundo Eça, um lídimo exemplo da opinião geral – nas palavras do autor: "[esta senhora] estabelecia, sem o saber, a verdadeira doutrina do século"<sup>1</sup>. Ao transpor esta opinião o cronista pretende evidentemente retirar dela determinadas ilações. O que se introduz aqui funciona, de facto, como um exemplo, tal como Perelman e Olbrechts-Tyteca<sup>2</sup> o entendem dado que recorrer à argumentação pelo exemplo supõe, no entender destes autores, a possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares, mas implica também algum possível desacordo sobre a regra particular que o exemplo é chamado a estabelecer – regra essa que, no texto em análise, decorre da seguinte afirmação eciana "Não! não há hoje possibilidade que duas nações europeias se batam por causa de terras coloniais. Os europeus só se movem por interesses ou sentimentos europeus".

Neste caso, a perspectiva narrativa do narrador/autor pode emergir através da relação existente entre uma série de perguntas colocadas pelo leitor e as estratégias de voz que, retoricamente utilizadas, são indiciadoras de posições implícitas. De facto, ao utilizar o discurso de "outrem" (e sintomaticamente

---

1. Cf. crónica publicada a 20 de Agosto de 1893, na *Gazeta de Notícias*, sob o título *A França e o Sião* in Eça de Queirós – *Ecos de Paris*, Porto Lello & Irmão – Editores, s.d., p. 65.

2. Cf. PERELMAN CH.; OLBRECHTS-TYTECA L. – *Traité de l'Argumentation. La Nouvelle Rhétorique*, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, 1976, p. 471.

de uma senhora numa conversa de salão – donde podemos inferir o carácter mundano e superficial que o autor lhe quer atribuir) o autor demarca-se das posições por esta voz apontadas, e essa distância permite-lhe ajuizar acerca da grandeza e da extensão da generalização dessas opiniões.

Assim, seguindo Eemeren and Kruiger, entendemos que "the argument and the point of view are related to one another specifically. The way in which arguments and points of view are related in argumentation is the *argumentation scheme* used in attempt to convince" <sup>3</sup>.

A nossa análise tem, portanto, como objectivo fundamental dilucidar como se organiza este esquema de argumentação no caso do *exemplo*, quais as ilações, em termos de interpretação, daí decorrentes e quais as suas vantagens para a global compreensão do texto.

Mostrando-se claramente a dimensão pragmática do discurso argumentativo, no texto citado o *exemplo* visa predispor o leitor a aceitar a crítica que Eça dirige à colonização francesa. Esta crítica é formulada por comparação com a colonização que a Inglaterra realiza, nação que, segundo opinião do cronista, possui homens, produção e frota capazes de assegurar essa colonização, ao passo que a "França faz conquistas para exportar amanuenses". esta tese é corroborada por um segundo exemplo, posposto, que o cronista anuncia explicitamente como tal: "No Tonquim, *por exemplo*, ela [a França] possui, no solo, ocultas riquezas maravilhosas; mas não tem colonos que as vão explorar" <sup>4</sup>. Coadjuvado por uma relação de causa-efeito mais ou menos explícita – não tem homens nem produtos, logo não tem colonos – o *exemplo* vai servir de premissa à conclusão fundamental da crónica: "A expansão colonial da França não dá assim lucro nenhum, ou alargamento à civilização geral".

Noutra crónica, publicada em Janeiro de 1894, e reunida em volume sob o título *A Espanha – O heroísmo espanhol – A questão das carolinas – Os*

---

3. Cf. FRANS H. VAN EEMEREN AND TJARK KRUIGER – "Identifying Argumentation Schemes" in FRANZ H. VAN EEMEREN ET ALII (eds.) – *Argumentation: Perspectives and Approaches*, Dordrecht/Pro-vidence, Foris Publicatons, 1987, p. 71.

4. Cf. EÇA DE QUEIRÓS – *Ecos de Paris*, *op. cit.*, p. 68.

*acontecimentos em Marrocos*, Eça pretende falar de certos acontecimentos ocorridos num forte espanhol no Norte de África. No entanto, longe de abordar logo este assunto, tece previamente uma série de reflexões acerca do tipo de heroísmo e de amor à pátria que caracteriza o espanhol diferenciado caracteriologicamente do russo ou do inglês. Ora, quando de alguma forma confrontado com a dificuldade de explicar ou definir o que seja heroísmo ou herói "porque nem os dicionários nem as psicologias estão bem de acordo sobre o que é um herói", Eça socorre-se explicitamente de um *exemplo* introduzido por um conector lógico evidente, por uma expressão clara de que se trata de uma opinião, e, portanto de uma perspectiva, mas a qual o autor considera sumamente elucidativa como se evidencia na escolha dos superlativos. Eis a frase: "Assim, eu não creio, *por exemplo*, que haja nada mais espanhol, e que se nos afigure mais heróico, do que o atentado contra o marechal Martinez Campos." (A explicitação de que se trata de um exemplo está de tal forma enquadrada na lógica discursiva que é fácil passar despercebida a uma primeira leitura). E Eça passa ao relato do acontecido onde realça quer a heroicidade um pouco ingénua "do rapazola, do anarquista" quer a valentia do marechal que, a escorrer sangue, minimiza o acontecimento.

É curioso notar a dinâmica narrativa que este exemplo comporta e a sua capacidade de sugestão pela encenação incipiente, sumária, que realiza na transposição das falas dos intervenientes — *No es nada, no es nada!! — Fui eu! Fui eu!*

Neste caso o *exemplo* eleva-se ao estatuto da prova, da comprovação do que foi anteriormente afirmado, permitindo uma conclusão extremamente breve. Mas, constituindo aqui uma comprovação — reforçada e sobrevalorizada pelo esquema argumentativo seguinte que é o da *comparação* com o heroísmo do inglês —, com a continuação do discurso ele vai servir — de premissa na apresentação da opinião seguinte, segundo a qual essa heroicidade se revela verdadeiramente única quando se trata de uma questão de "honra da Espanha".

Ora, insinuando até que neste caso o Espanhol pode ser heroicamente patriótico à "outrance", Eça aduz um outro exemplo, muitíssimo breve, deste amor por *su tierra*: "Eu já vi um homem, e muito inteligente, que era

de Mérida (um dos mais lúgubres buracos do Mundo), declarar, muito seriamente e convicto, que Paris, como monumentos, e interesse, e brilho, *no valia Merida!* "Este *exemplo*, como é evidente, serve para mostrar o aspecto caricato que esta questão, levada ao extremo, pode revestir. Mas, serve, também, de contrapeso ao *exemplo* seguinte que é o da famosa "questão das Carolinas" no qual se mostra que a devastadora reacção de patriotismo nacional espanhol fez recuar o velho Bismarque nas pretensões expansionistas.

Todos estes exemplos se encadeiam porque estão, afinal, ao serviço da apresentação, no final desta crónica, da "questão" que é verdadeiramente actual e que constitui o motivo desencadeador da crónica: a questão colonial de algumas fortificações espanholas no Norte de África. Só que, desta vez, o problema no que toca ao tema do heroísmo é mais complexo. Os espanhóis, com a intenção de reforçar as suas vulneráveis defesas militares, pretendem construir um novo forte justamente no sítio onde existia um antigo cemitério mourisco, o que evidentemente provoca uma reacção negativa nas gentes do local. Não olhando, porém, à particularidade e complexidade desta questão mais uma vez — ou, poderemos nós dizer, *a exemplo* de outras vezes — o povo espanhol se une num brado de heróico nacionalismo. Ora só o pequeníssimo *exemplo* caricato aduzido por Eça nos permite, dentro desta teia de relações que os diferentes exemplos estabelecem, descodificar a verdadeira posição crítica do autor em relação a esta questão da actualidade.

Só atendendo a este jogo de *acumulação* de diferentes exemplos e ao elemento desestabilizador que o caricato e ridículo introduzem e que acarreta uma ideia de incompatibilidade em relação à opinião admitida — neste caso a tese "da validade do heróico nacionalismo espanhol" — se pode ter uma correcta ideia da verdadeira posição do autor.

Mas se a utilização do discurso argumentativo ganha uma evidente preponderância nas crónicas, ela surge também como estratégia discursiva fundamental nas cartas Fradique Mendes embora inserida numa configuração discursiva diferente — neste caso aquela que é característica da carta, ou seja a que pressupõe a existência de um destinador e um destinatário explícitos. Ora no caso das cartas de Fradique o destinatário desempenha

uma função fundamental — a de determinar o campo temático a abordar, dando, a cada uma das cartas de Fradique, uma autonomia e uma coerência semiótica próprias. Assim, a Guerra Junqueiro, autor d' *A Velhice do Padre Eterno*, Fradique vai falar sobre a religião, a Oliveira Martins, político e historiador, Fradique vai falar sobre história política, a Ramalho Ortigão, crítico literário e social, Fradique conta um caso-tipo da sociedade contemporânea...

Ora, sabendo nós que, as cartas de Fradique foram inventadas, para serem publicadas, apercebemo-nos de que, na verdade, Fradique não se dirige apenas ao destinatário explícito mas sim a todo um público leitor muito mais vasto que se esconde por trás deste destinatário. Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam ser esta uma situação muito utilizada no discurso argumentativo, tratando-se, de facto, de uma estratégia que consiste na explicitação de um único destinatário que encarna um público particular e/ou um público universal. Consegue-se, desta forma, uma maior aproximação do público sem que ele disso se aperceba <sup>5</sup>.

Para conseguir atingir este público, Fradique utiliza um discurso persuasivo e estratégias que relevam do domínio da argumentação, nomeadamente, o predomínio da construção hipotáctica <sup>6</sup>. Este discurso hipotáctico permite que os vectores temáticos manifestem uma convergência semântica decorrente da hierarquia que entre si estabelecem <sup>7</sup>. Para a compreensão desta convergência semântica por parte do leitor concorrem também outras estratégias fundamentais típicas da argumentação tais como a enumeração, a comparação e outras, entre as quais se conta também o *exemplo* que nos interessa agora analisar.

---

5. Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam: "... lorsque l'auditeur unique est considéré comme l'incarnation d'un auditoire (...) ce n'est pas toujours de l'auditoire universel. Il peut aussi et très souvent - être l'incarnation d'un auditoire particulier"; "l'auditeur est considéré comme un échantillon de tout genre d' auditeurs. (...) Le choix de l'auditeur est déterminé par les buts que s'assigne l'orateur" — *Traité de l'Argumentation...*, *op. cit.*, pp. 51-52.

6. Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca afirmam "La construction hipotactique est la construction argumentative par excellence", *op. cit.*, p. 213.

7. Procedemos a uma análise mais detalhada deste assunto em *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1987, Cap. 3.

Na carta que escreve a Guerra Junqueiro, Fradique tenta fazer entender ao seu destinatário que na religião aquilo que permanece e que é realmente compreendido pelo homem é o ritual e não o seu ideal puro e abstracto: "Meu bom amigo, uma Religião a que se elimine o Ritual desaparece — porque as Religiões para os homens (com a excepção dos raros Metafisicos, Moralistas e Místicos) não passa dum conjunto de Ritos, através dos quais cada povo procura estabelecer uma comunicação íntima com o seu Deus e obter dele favores." <sup>8</sup>

Para ilustrar a sua tese Fradique propõe ao seu destinatário uma viagem mental, no tempo e no espaço, através de diferentes povos, culturas e religiões, da Ásia à África, verificando situações e costumes que sejam, a este propósito, ilustrativos e elucidativos. A longa série de ritos e costumes revisitados culmina, no final da carta, com a apresentação de um caso que, pelo seu carácter desmedido e, simultaneamente, pela sua anedótica rudeza, roça a iconoclastia. Trata-se da vontade que um chefe africano tem de comunicar com o seu Deus, nas vésperas de entrar em guerra com um chefe vizinho. Para este efeito chama um escravo, "dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica bem que o escravo tudo compreendera, tudo retivera: imediatamente arrebatava um machado, decepa a cabeça do escravo, e brada tranquilamente — "parte"! A alma do escravo lá foi, como uma carta lacrada e selada, direita para o Céu (...)" <sup>9</sup>. Forjado para além dos limites do que seria aceitável, o exemplo aqui tem como intenção rebater de forma implacável a posição do destinatário e confirmar de forma irrefutável a ideia de que, da religião, o homem comum apenas retém os ritos que lhe servem para comunicar com o seu Deus e assim "obter dele favores". A exemplificação funciona assim como uma tentativa de maior aproximação da verdade.

Por sua vez a carta dirigida a Ramalho revela uma estrutura temática e uma utilização de estratégias que decorrem também da utilização da argumentação pelo exemplo. Fradique apresenta a Ramalho Ortigão um "caso, e profundo".

---

8. Cf. EÇA DE QUEIRÓS - *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, Porto, Lello & Irmão – Editores, s.d., p. 132.

9. *Idem*, p. 141.

Trata-se de um caso particular de (efémero) triângulo amoroso. À partida apresentam-se três personagens-tipo: uma mulher burguesa "enfadada", "entediada" pelo ócio que o seu próprio estatuto lhe traz, um burguês novo-rico, "rastacuero", enfezado, efeminado, e, um D. Juan encantador. Esta caracterização tipificada predispõe, de modo determinista, à ocorrência da relação adúltera, permitindo assim uma descrição rápida dos factos realizada num tom burlesco-satírico. A relação facto-consequência, recorrente no discurso argumentativo, ganha aqui um grande relevo, realçando o malefício das condicionantes sociais que levam a consequências desastrosas. As ilações retiradas da análise deste caso particular — o "lucro efectivo para a sociedade" dum possível fruto deste "caso" — são apresentadas, por inferência, como uma consequência lógica.

Trata-se, portanto, de um raciocínio de tipo indutivo, partindo do particular para o geral.

Tal como esta, todas as cartas de Fradique revelam a utilização calculada de diversas estratégias argumentativas, a maior parte das vezes coadjuvadas pelo *exemplo*.

Mas poder-se-ia pensar que a utilização da argumentação em Eça é apenas fundamental em textos específicos — como crónicas e cartas — o que de certa forma corresponderia à perspectiva teórica de alguns autores que se preocupam em estabelecer as distinções entre os diferentes tipos de textos, como por exemplo a distinção estabelecida por E. Werlich — descrição, narração, exposição, argumentação, injunção<sup>10</sup>. Outros autores há, porém, que enveredam por um caminho diferente e tentam analisar as possíveis concomitâncias e implicações entre os diferentes tipos de textos. Assim Herman Parret, delineando algumas das vantagens da consideração recíproca das pesquisas da semiótica narrativa e da teoria da argumentação, afirma que, por um lado "there is (...) in many contexts argumentation *in* narratives: protagonists in stories argue within dialogues, conversations; dialogical and sequences in narratives are dominated by argumentative motives and

---

10. Cf ALAIN BOISSINOT — *Les Textes Argumentatifs*, Paris, Bertrand — Lacoste, 1992, pp. 35-36.

moves" e por outro lado "there seems to be narrativity *in* argumentation as well" e def ende "the futur of argumentation theory dependes partly on its possible integration with narratology" <sup>11</sup>.

De acordo com esta perspectiva, acreditamos que a argumentação desempenha um papel importante nos textos romanescos de Eça, sobretudo nas suas últimas obras, onde se acentua o carácter dialógico e polifónico (no sentido bakhtiniano) presente na pluralidade de vozes em jogo, como é bem visível no importante debate estético que se configura no célebre episódio do Jantar do Hotel Central em *Os Maias*, onde as pessoas que assistem e intervêm (ou não) no debate funcionam como um a espécie de mini-auditório que encontra projecção na generalidade dos leitores obrigando-os, de uma forma implícita, a uma atitude mais participativa, implicando-os, assim, mais directamente no assunto em questão .

A utilidade dos argumentos assim entendida numa dimensão pragmática é essencial para a apresentação e configuração de temas presentes na obra literária, temas esses à volta dos quais o entendimento ou acordo não é linear: pelo contrário é susceptível de ser discutido. Poderemos pensar no importante e conhecido tema da educação n' *Os Mais*. As opiniões sobre este tema representadas no romance são divergentes e até antagónicas e ele coloca-se claramente como uma situação-problema. De facto, segundo Kopperchmidt (que, para alicerçar a sua teoria, remonta até Quintiliano) "arguments are only necessary in the case of assertions if their implicit claims of validity or truth are disputable, this means that arguments are only necessary in crises about understanding, or, respectively, in *problem-situations*<sup>12</sup>". E podemos considerar uma situação-problema esta que Afonso da Maia deve, de alguma forma, resolver reivindicando a sua perspectiva de *verdade*. Mas, se a educação de Carlos da Maia e de Pedro da Maia funcionam, em termos de argumentação, respectivamente como modelo e anti-modelo, já que indicam uma conduta a seguir (Cf. Perelman

---

11. HERMAN PARRET – "Argumentation and Narrativity" in FRANS H. VAN EEMEREN *ET ALII* (eds.) – *Argumentation: Across the Lines of Discipline*, Dordrecht/Providence, Foris Publications, 1987, pp. 166 e 175.

12. Cf. JOSEPH KOPPERSCHMIDT, – "The Function of Argumentation: A Pragmatic Approach" in FRANS H. VAN EEMEREN *ET ALII* (eds.) – *Argumentation: ..., op. cit.*, p . 180 .

Ch. Olbrechts-Tyteca L. p. 490), os casos particulares de Pedro da Maia e Eusebiozinho funcionam como exemplos *a contrario* da opinião que se pretende inculcar no auditório — neste caso o público-leitor. Tal como já afirmámos, a argumentação pelo exemplo implica a possibilidade de generalização, a qual neste caso fica a cargo do leitor que deduzirá que de educações semelhantes à de Eusebiozinho sairão outros Eusebiozinhos...

Nesta polifonia de opiniões sobre este tema a perspectiva do narrador é-nos dada, talvez na sua medida máxima, através da ridícula opinião do conde de Gouvarinho porque implicitamente desautorizada pela ironia e pela própria ridicularização.

Se atentarmos agora no romance *A Ilustre Casa de Ramires* podemos observar que, também aqui, se coloca o problema da relação do *exemplo* com o *modelo* (esquemas de argumentação diferentes), mas a análise dessa relação terá que ter em conta um processo estilístico fundamental no romance: a paródia <sup>13</sup>.

A história de Gonçalo é, em grande parte, a história da escrita de uma novela empreendida pela personagem. Ora, como é consabido, o romance histórico corresponde ideologicamente a uma intenção didáctico-pedagógica, salientando, na configuração que realiza de um determinado tempo histórico, a importância de que se revestem determinados valores que se pretende ver considerados na actualidade. Desta forma podemos pensar a "lição" do passado funcionando, na sua concretização em termos de personagens e ambientes, como *exemplo* <sup>14</sup>. O problema é que, nesta obra, é precisamente

---

13. É curioso ver como um estudioso dos aspectos do texto que implicam o leitor analisa a paródia: "Literary parody then is a tertiary construct or an interpretation of an interpretation of an interpretation". Cf. HORST RUTHROF — *The Reader's Construction of Narrative*, London, Routledge & Kegan Paul Ltd, 1981, p. 143.

14. Neste sentido podemos pensar no *Arco de Sant'Ana* de Almeida Garrett cuja história — configurada na aliança entre o povo e rei D. Pedro I com o objectivo de suprimir o poder tirano de um mau Bispo) o próprio autor considera um exemplo de grande utilidade para a sua época conforme afirma no Prólogo: Hoje não é já só conveniente, é necessária a recordação daquele severo exemplo da crua justiça real. Hoje é útil e proveitoso lembrar como os povos se uniram para debelar a aristocracia sacerdotal e feudal". Cf. ALMEIDA GARRETT — *O Arco de Sant'Ana*, Porto, Lello & Irmão — Editores, s.d., p. XXII.

a validade do carácter exemplar (de comportamentos e valores das personalidades do passado evocado) que é posta em causa. Como dissemos, está aqui em jogo a distinção, nem sempre possível de traçar com nitidez, entre *exemplo* e *modelo*, tendo em conta que este último se caracteriza pela possibilidade de imitação. De facto, quando Gonçalo, sempre habituado a ter os seus antepassados como ponto de referência, tenta convencer o amigo Godinho de que não quer manter na cadeia o valentão de Nacejas que, segundo queixa sua, o atacara, depara-se com alguns problemas ao recorrer mais uma vez ao exemplo dos seus antepassados, e, tartamudeando, tem logo que corrigir as suas afirmações: "— Pelo amor de Deus, amigo Godinho! Não quero, e não quero... Explique bem ao sr. João Gouveia... Detesto vinganças. Não estão nos meus hábitos, nem nos da minha família. Nunca houve um Ramires que se vingasse... Quero dizer, sim houve mas... Enfim explique bem ao sr. Gouveia" <sup>15</sup>. A situação torna-se mais claramente cómico-satírica se tivermos em conta que, na novela histórica que Gonçalo finalmente conseguira terminar, o último episódio é o relato de uma bárbara e maquiavélica vingança perpetrada pelos seus antepassados. Portanto, ao postular a não-adesão e a antipatia da personagem pelos comportamentos dos seus antepassados — "Até esse suplício do Bastardo lhe deixara uma aversão por aquele remoto mundo afonsino, tão bestial, tão desumano!" <sup>16</sup> — o narrador, e, por extrapolação, o autor põe em causa o valimento da "lição" do passado, contestando assim um dos princípios fundamentais do romance histórico. Desta forma, o leitor vê-se a braços com o problema da frustração das suas expectativas possíveis no que toca ao problema de género literário, sentindo-se assim obrigado, pelo menos, a questionar certos princípios do género em causa.

Com algumas semelhanças e diferenças esta relação entre *exemplo* e *modelo* surge também de forma premente das lendas de santos escritas por Eça. Detenhamo-nos no texto "S. Cristóvão" O percurso de vida desse monstro de bondade que é Cristóvão ilustra — e a *ilustração* é outro processo argumentativo — uma tese ou regra que será qualquer coisa como "ajudar os outros é o caminho da santidade" (ainda que, numa outra leitura,

---

15. EÇA DE QUEIRÓS — *A Ilustre Casa de Ramires*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d., p. 327.

16. *Idem*, p. 326.

se pudesse pensar numa regra que seria qualquer coisa como "sofrer faz parte do caminho da santidade"). A *ilustração*, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, reforça uma regra aceite e tem como objectivo "dar presença" (*donner la présence*) pelo que se reveste de pormenores e, contrariamente ao *exemplo*, aparece normalmente mais desenvolvida<sup>17</sup>. No entanto, o exemplo não deixa de estar presente neste texto uma vez que a personagem em si constitui também um exemplo de santidade. Mas, não se coloca aqui a questão da exemplaridade no sentido em que ela se aproxima da noção de *modelo*, sobretudo no que diz respeito à configuração da personagem — se nos abstermos momentaneamente da tese de solidariedade social preconizada. Ou seja, Cristóvão não é erigido em modelo a seguir e a imitar até porque o verdadeiro modelo (a seguir e a imitar) é o de Jesus, e da sua vida, e do seu comportamento. De facto, é a partir do momento em que Alfredo, um noviço, lhe lê a história do Menino e lhe explica a vida de Jesus que Cristóvão compreende a verdadeira mensagem (de Jesus) que, com base nos dogmas, em vão lhe tentavam inculcar no convento. A partir daí, resolve partir pelo mundo fora a espalhar consolações: "Jesus estava além, por trás daquelas estrelas. Porque não iria ele, como se seguisse o Senhor?"<sup>18</sup>. E toda a vida de Cristóvão se pauta então pelo *exemplo* de Jesus erigido em *modelo* e também pelo *exemplo*, explícito no texto, dum cavaleiro errante, fiel praticante dos nobres ideais de cavalaria: "Então, seguindo o exemplo do cavaleiro, passou a socorrer os oprimidos"<sup>19</sup>.

O *exemplo* (e o *modelo*) funciona(m) assim como elemento(s) organizativo(s) fundamental(is) do texto o qual se integra na designação sintomática de "Lendas de Santos", textos que, por tradição, se sabe serem narrativas de casos particulares de modos de vida dos quais se pode retirar uma generalizadora lição exemplar.

Neste deambular por textos de Eça partimos, no início, de alguns textos cuja dimensão perlocutiva é evidente, funcionando o *exemplo* apenas como um dos variadíssimos esquemas de argumentação — o que decorre da

---

17. Cf. PERELMAN CH., OLBRECHTS-TYTECA L., *op. cit.* p. 483

18. Cf. EÇA DE QUEIRÓS — *Últimas Páginas*, Porto, Lello & Irmão— Editores, s. d. p. 70.

19. *Idem*, p. 169.

peculiaridade da situação de comunicação que a crónica, enquanto publicação jornalística, instaura — para, a pouco e pouco, deslizar para textos romanescos onde a utilização do *exemplo* se pode situar como elemento macro-estrutural em termos de técnica compositiva.

Em nosso entender, e perfilhando, como já afirmámos, a perspectiva de Herman Parret <sup>20</sup>, o *exemplo* é apenas um exemplo entre os variadíssimos esquemas argumentativos cujo estudo nos parece fundamental para ajudar à interpretação de textos narrativos, numa moderna aproximação entre argumentação e narratologia capaz de traduzir melhor a evolução queirosiana no que concerne à polifonia textual.

---

20. Cf. nota 11.